

“PARA QUE NÃO SE REPITA”: PRÁTICAS DE
CONSUMO DO FACEBOOK POR MÃES DE VÍ-
TIMAS DO INCÊNDIO DA BOATE KISS

ALICE BIANCHINI PAVANELLO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
ALICEBPAVANELLO@GMAIL.COM

SANDRA RÚBIA DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
SANDRAXRUBIA@GMAIL.COM

“PARA QUE NÃO SE REPITA”: PRÁTICAS DE CONSUMO DO FACEBOOK POR MÃES DE VÍTIMAS DO INCÊNDIO DA BOATE KISS

Resumo: Este artigo analisa as práticas de consumo (CASTRO, 2014, MILLER et al, 2016) do Facebook por quatro mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss na luta por justiça na morte dos filhos, uma vez que nenhum responsável pela tragédia foi preso. Utiliza-se uma abordagem etnográfica para internet (HINE, 2015) e conclui-se que as mães utilizam a plataforma para legitimar o direito de lutar e gerenciar o luto.

Palavras-chave: Práticas de consumo; Mães; Boate Kiss

"PARA QUE NO SE REPITA": PRÁCTICAS DE CONSUMO DE FACEBOOK POR MADRES DE VÍCTIMAS DEL INCENDIO DE BOATE KISS

Resumen: En este artículo se analizan las prácticas de consumo (CASTRO, 2014, MILLER y al 2016) de Facebook por cuatro madres de víctimas del incendio de Boate Kiss en la lucha por la justicia en la muerte de los hijos, ya que ningún responsable de la tragedia fue arrestado. Se utiliza un enfoque etnográfico para Internet (HINE, 2015) y se concluye que las madres utilizan la plataforma para legitimar el derecho de luchar y gestionar el duelo.

Palavras clave: Prácticas de Consumo; Madres; Boate Kiss

"THAT IT DOES NOT BE REPEATED": CONSUMPTION PRACTICES OF FACEBOOK BY MOTHERS OF FIRE VICTIMS AT THE KISS NIGHT-CLUB

Abstract: This article analyzes Facebook's consumption practices (CASTRO, 2014, MILLER et al, 2016) for four mothers of fire victims at Kiss Nightclub who struggle in the search for justice in the death of their children, once that no one responsible for the tragedy was arrested. An ethnographic approach to the Internet is used (HINE, 2015) and it is concluded that mothers use the platform to legitimize the right to fight and manage her mourning.

Keywords: Consumption practices; Mothers, Kiss Nightclub

1 INTRODUÇÃO

A frase que compõe o título deste artigo, “Para que não se repita”, funciona como um lema para mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss, que têm como um dos principais objetivos de vida lutar por justiça na morte dos filhos. A expressão está estampada em bottons, camisetas e banners e é repetida em publicações feitas por elas em seus perfis no Facebook.

A tragédia da Boate Kiss aconteceu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, cidade com cerca de 280 mil habitantes, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A casa noturna, onde acontecia uma festa organizada por estudantes universitários, pegou fogo depois que um dos integrantes da banda que estava no palco acendeu um artefato pirotécnico. As chamas atingiram o forro da estrutura e se alastraram rapidamente matando 242 pessoas, a maioria intoxicada com a fumaça.

A investigação da Polícia Civil revelou uma série de irregularidades no funcionamento da Boate, desde os processos de liberação de alvarás até as ações de fiscalização pela Prefeitura, Bombeiros e Ministério Público. No inquérito foram indiciadas 18 pessoas, entre elas secretários, funcionários e fiscais da prefeitura de Santa Maria, o prefeito, bombeiros que trabalharam no resgate das vítimas e na fiscalização da Boate Kiss, além do comandante do Corpo de Bombeiros (ARBEX, 2018). Porém apenas quatro pessoas, os dois sócios da Boate Kiss e dois integrantes da banda, foram denunciadas pelo Ministério Público por homicídio doloso e aguardam em liberdade o julgamento. Fato que deixou mães, pais, familiares e amigos das vítimas inconformados e se questionando “como uma boate que jamais operou um único mês atendendo a todas as exigências legais para a manutenção de suas atividades conseguiu chegar, incólume, até o dia 27 de janeiro de 2013.” (ARBEX, 2018, p.198).

Além da falta de respostas no âmbito jurídico, os familiares precisam enfrentar as objeções de alguns moradores e empresários de Santa Maria, que criticaram os esforços de busca por justiça e, ainda hoje, pedem para que os pais “deixem Santa Maria voltar a sorrir”. Os sentimentos de impunidade e rejeição acentuam a dor dos familiares de vítimas.

O envolvimento das mães em ações de luta por justiça se deu desde o início, em um primeiro momento, com a participação em caminhadas promovidas por moradores de Santa Maria e em um segundo momento, ao protagonizarem ações, em espaços públicos, organizadas por entidades

constituídas por familiares de vítimas da tragédia. A participação ativa de algumas mães nessas mobilizações, atrelada à ligação consanguínea, que remete à ideia socialmente conhecida de maior dor do mundo, a de uma mãe que perde um filho (FREITAS; MICHEL, 2014), fizeram com que um grupo de mães ficasse imagetivamente conhecido. Seus rostos foram ligados de forma inseparável à tragédia e elas assumiram para si um dever de lutar por justiça. Esse propósito guia muitas das ações realizadas por essas mães, desde a presença semanal delas na Tenda da Vigília¹ até suas publicações no Facebook.

Dito isso, o objetivo deste artigo é analisar de que forma as mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss acionam estratégias de consumo do Facebook para lutar por justiça. Para tal vamos mobilizar os conceitos de consumo (BARBOSA; CAMPBELL, 2012, CASTRO, 2014, MILLER et al, 2016) e será empregada uma abordagem etnográfica para internet (HINE, 2015) para a análise e interpretação das publicações. O texto foi dividido em três partes, além das considerações finais. Em um primeiro momento é abordada a transformação da mãe em sujeito de luta. Na segunda parte serão discutidas as práticas de consumo do Facebook e, por fim, será feita a análise das publicações.

2 MÃES QUE LUTAM POR JUSTIÇA

A perda trágica que as mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss tiveram com a morte repentina de seus filhos alterou de forma irreparável suas rotinas. O fato também foi responsável por criar um vínculo entre elas, mantendo em comum os sentimentos de sofrimento e de injustiça. A imagem de mãe é, nas sociedades ocidentais, construída como aquela que se sacrifica pelos filhos e que tem amor incondicional (BADINTER, 1985). As mães são tidas, ainda hoje, como representantes maiores do amor pelos filhos, ideia que começou a ser formada no final do século 18. “A era das provas de amor começou. O bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da

1 A Tenda da Vigília é um espaço físico montado, pelos familiares de vítimas, em uma praça central de Santa Maria, que funciona como espaço de resistência e memória da tragédia desde abril de 2013. Todas as quartas-feiras, mães se reúnem na Tenda para que possam ser vistas pela sociedade e evitar que a tragédia da Boate Kiss seja esquecida. O mesmo acontece no dia 27 de cada mês, quando familiares e amigos ocupam o local.

atenção materna. A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela.” (BADINTER, 1985, p.202). A autora ainda afirma que “a morte de um filho deixa uma marca indelével no coração da mãe.” (idem, p.87). A ideia da morte de um filho, sob a perspectiva de uma mãe, também é reconhecida na sociedade como sendo a maior dor do mundo. Como explicam Freitas e Michel (2014), é um sofrimento que embora se modifique com o passar dos anos, ele nunca é superado. Diante da perda do filho, as mães precisam encontrar um novo sentido perante a ausência e sua nova configuração de vida.

Essa imagem de mãe colabora com o surgimento de um senso de solidariedade (FREITAS, 2002) diante de situações de violência contra seus filhos. Ao se referir às Mães de Acari², a autora afirma que:

a imagem da mãe sofredora ainda é profundamente presente em nosso imaginário. Foi dessa imagem que essas mulheres partiram para, pouco a pouco, irem construindo uma outra - que não exclui a primeira, mas convive com esta. Essa “outra” imagem é a da mãe que luta, a mãe corajosa que enfrenta a polícia e a sociedade para saber onde estão e o que aconteceu com seus filhos. (FREITAS, 2002 p.98)

Brites e Fonseca (2013) citam também outros exemplos brasileiros de mães que transformaram a morte violenta dos filhos em bandeira de luta. Além das Mães de Acari, as autoras citam as mães da Chacina da Candelária e da Chacina de Vigário Geral³, que se uniram a outras mulheres “clamando por “justiça” no sentido de identificar e julgar os assassinos” (BRITES; FONSECA, 2013, p.861).

Os sentimentos de solidariedade e de justiça foram mobilizadores de ações coletivas, envolvendo milhares de santa-marienses nos primeiros momentos após a tragédia. Silva e Brignol (2018) relatam que a Caminhada da Paz e do Luto, dois eventos organizados separadamente, mas que se aglu-

2 As Mães de Acari ficaram conhecidas na década de 90, quando se uniram para reivindicar justiça no desaparecimento de seus filhos em uma favela do Rio de Janeiro.

3 Ambas chacinas aconteceram em 1993, no Rio de Janeiro. A Chacina da Candelária matou oito jovens em frente a uma igreja. A Chacina do Vigário Geral matou 21 moradores da favela de mesmo nome. Assim como no caso da Chacina de Acari ficou um sentimento para os familiares de que a justiça nunca foi feita (BRITES; FONSECA, 2013).

tinaram, reuniram cerca de 30 mil pessoas no dia 28 de janeiro de 2013. No dia 29, outra caminhada foi promovida, chamada de Protesto por Justiça, na qual cerca de 700 pessoas estiveram presentes. As autoras mostram que o Facebook foi a ferramenta utilizada para a organização dessas ações e para a mobilização dos participantes. Silva e Brignol ainda destacam que a partir dessas atividades, os familiares se organizaram para realização de “algo maior”, como vigílias, o acompanhamento dos depoimentos em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), instaurada na Câmara de Vereadores da cidade e a criação de associações e movimentos. As quatro mães, foco deste artigo, participaram de uma ou de todas essas atividades. Foi assim que teve início uma atuação mais incisiva das mães nos espaços públicos, levando-as a um reconhecimento imagético e a uma conexão com a tragédia da Boate Kiss.

Peixoto (2014), em pesquisa sobre a formação de redes de apoio e de representação das vítimas da Boate Kiss, percebeu existir, entre os familiares, uma “hierarquia da dor” que os posicionava em uma espécie de pirâmide relacionada diretamente ao tipo de parentesco com as vítimas. O topo da pirâmide seria ocupado pelas mães dos falecidos, sendo elas as mais legitimadas para sofrer pela morte deles e, por isso, mais indicadas para assumir posições de liderança dentro de associações e movimentos que falaria em nome dos interesses dos familiares de vítimas. Na pirâmide, abaixo das mães, estariam os pais, irmãos, demais parentes e, na base, os amigos. Dessa forma, ao se referir aos espaços criados para representar as vítimas, “quanto mais distante o parentesco menos direito à voz e menos direito a ser ouvido naquele espaço.” (PEIXOTO, 2014, p.92).

A posição ocupada pelas mães na escala do sofrimento é percebida na cobertura da tragédia feita pela imprensa local e internacional. Algumas mães que se propunham a dar depoimentos à mídia, os faziam com teor emotivo e coerente, elementos valorizados nas reportagens de casos trágicos, como destacado por Oliveira (2016) em trabalho sobre os testemunhos na cobertura ao vivo da tragédia.

Também se percebe uma valorização do depoimento dramático. Ainda que, de maneira geral, os relatos das testemunhas do caso Kiss apresentem alta carga emotiva dada a dimensão do acontecimento, nota-se que os jornalistas concedem mais tempo àqueles que além de se comunicarem bem, demonstram sua emoção. A entrevista de uma mãe que perdeu um filho e estava com o outro internado em estado grave é um exemplo dessa constatação.

(OLIVEIRA, 2016, p.110).

Além dos depoimentos dados pelas mães nos primeiros momentos após a tragédia, algumas delas permaneceram na mídia. Durante a sequência de reportagens jornalísticas que se sucederam à tragédia, em especial nos dois primeiros meses e nos dias 27 de cada mês, até o fato completar um ano, as mães protagonizaram diversas entrevistas, por estarem à frente de campanhas, manifestações e atos de protesto promovidos pela AVTSM, Movimento do Luto à Luta, Mães de Janeiro e ONG Para Sempre Cinderelas.

A participação das mães na configuração de entidades de representação dos familiares de vítimas é registrada por Peixoto (2014). Na primeira reunião entre os familiares, amigos e sobreviventes, que daria origem à Associação de Familiares e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), Peixoto (2014) relata que as mães, ao olharem umas para as outras, se identificavam, se emocionavam e se abraçavam imediatamente, “elas não se conheciam, mas se entendiam. Em um desses momentos de emoção, ouvi uma mãe dizer ao abraçar a Fani: “a dor sempre vai continuar, mas temos que nos unir e lutar”” (PEIXOTO, 2014, p. 89).

Quase que concomitantemente com a Associação, mas com o foco mais voltado para a busca por justiça, “visando o enfrentamento político e social para a responsabilização dos culpados na esfera civil” (PEIXOTO, 2014, p.41), foi criado o Movimento do Luto à Luta que tinha mães de vítimas ocupando postos de liderança. Além disso, o apelo maternal originou também o movimento Mães de Janeiro que, como narra Peixoto (2014), tinha o objetivo de atuar junto ao Ministério Público, cientes de que a dor da perda de um filho para uma mãe era capaz de comover e gerar respeito, “quando elas realizam protestos “os promotores não têm coragem nem de olhar na cara das mães, porque sabem que estão envolvidos”, alega uma das líderes deste movimento.” (PEIXOTO, 2014, p. 42). O envolvimento das mães nesses grupos as levou a participar de incontáveis manifestações em lugares como praças públicas, Câmara de Vereadores, em frente ao gabinete do prefeito e ao Ministério Público, o que resultavam em uma massiva cobertura jornalística. Além disso, as mães de cinco meninas mortas na tragédia criaram a ONG Para Sempre Cinderelas com o propósito de realizar ações solidárias, dando continuidade a trabalhos voluntários iniciados pelas filhas, promovendo festas e arrecadação de brinquedos para crianças carentes o que resultava na concessão de mais entrevistas e a permanência delas nos veícu-

los tradicionais de comunicação.

Na contramão do esforço materno, para manter a morte dos filhos presente na mídia, como uma forma de lutar por justiça, “forças políticas e econômicas da cidade operam um projeto de esquecimento” (TOMAIM, 2018, p. 327) com o qual, poucas semanas depois do fato, já se fazia um esforço para que se parasse de falar na tragédia, se atribuindo a ela a estagnação econômica da cidade. Dessa forma, se num primeiro momento, houve uma grande mobilização social acionada pelos sentimentos de solidariedade e de justiça, tendo no Facebook uma ferramenta consumida por milhares de pessoas no processo de mobilização, em um segundo momento, os familiares e em especial as mães, passam a empreitar um trabalho quase que solitário, em seus perfis pessoais, de busca por justiça, tendo no Facebook uma alternativa de expressão de suas vozes e anseios. O consumo do Facebook por quatro mães de vítimas será abordado no próximo tópico deste artigo.

3 AS MÃES DE VÍTIMAS NA INTERNET

O consumo visto sob a ótica sociocultural requer a compreensão de que ele vai além das questões materiais para se tornar algo simbólico e representativo de um estilo ou modo de vida. Toma-se a ideia de que o consumo é um mecanismo social enquanto algo representativo e simbólico, capaz de conferir sentido e identidade às práticas de grupos e indivíduos (BARBOSA; CAMPBELL, 2012) nas redes sociais e que “estudar as práticas de consumo significa também procurar compreender as especificidades dos modos de apropriação de cada grupo social, que funciona segundo regras próprias de atribuição de sentido a produtos, serviços, marcas e afins.” (CASTRO, 2014, p.63). Na sociedade contemporânea, é por meio das publicações feitas em redes sociais na internet que muitos grupos encontram formas de mediar suas relações. Miller et al (2016) afirmam que para que seja possível compreender os usos das redes sociais por grupos ou indivíduos, é preciso analisar o contexto cultural no qual estão inseridos. Por meio dos sites como o Facebook, grupos e indivíduos encontram caminhos para a constituição de subjetividades e identidades que devem ser analisadas com foco nas distintas práticas de consumo dos mesmos.

Spyer (2018), ao analisar o consumo das mídias sociais digitais por brasileiros, conclui que a popularidade dessas plataformas de comunicação reflète um fortalecimento de valores e práticas tradicionais entranhados nas organizações sociais, como a família. Além disso, ao se posicionar nas redes

sociais é como se a pessoa tivesse tomando partido de uma situação e explicitando suas convicções e crenças, “assim como postar algo nas mídias sociais, participar de um evento público indica que a pessoa está tomando lados.” (SPYER, 2018, p.234). Miller (2017), em pesquisa sobre a apropriação do Facebook por pacientes de doenças terminais, afirma que as mulheres têm tendência maior a querer expressar publicamente seus sentimentos no Facebook por normalmente serem mais sociáveis que os homens no ambiente familiar.

Neste artigo, são analisadas as práticas de consumo do Facebook por quatro mães, em seus perfis pessoais do Facebook. Foram selecionadas Ligiane Righi da Silva, Vanda Dacorso, Maria Aparecida Neves e Áurea Flores por elas fazerem parte do grupo de mães que está ligado à tragédia da Boate Kiss, por serem reconhecidas imagetivamente como mães de vítimas, por terem se envolvido em protestos, manifestações e projetos sociais ligados à perda dos filhos e por frequentarem a Tenda da Vigília. Além disso, as quatro também participam da pesquisa de dissertação de mestrado da autora, orientada pela coautora, intitulada Prática de consumo das redes sociais por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss: a criação de experiências no cotidiano, da qual se apresenta um recorte neste trabalho.

Ligiane Righi da Silva, 49, perdeu a filha Andrielle com 22 anos. É integrante da AVTSM, do Movimento do Luto à Luta, do Movimento Mães de Janeiro e fez parte da ONG Para Sempre Cinderelas. É considerada pelas demais a “chefe da Tenda da Vigília”, pois é quem participa todas as semanas, durante todo o dia. Ela encabeça as campanhas sociais promovidas em nome da AVTSM para ajudar crianças carentes. No Facebook, tem mais de dois mil amigos e faz publicações diárias falando sobre a filha e/ou a tragédia em seu perfil pessoal. Na rede social, ela troca com frequência as fotos da capa e do perfil, mas sempre mantém imagens que remetem à Kiss ou à filha falecida. Na escrita deste artigo, a foto de perfil, mostra Ligiane abraçada com Andrielle e tem uma tarja preta na qual está escrito em branco e vermelho: lembrar sempre, repetir jamais, 5 anos Boate Kiss. A legenda diz: “A dor da morte de um filho nunca passa, nem após todo tempo do mundo, apenas nos acostumamos a viver com ela, que dias doí menos, dias doí mais, como uma dor crônica que teremos pra sempre.”, confirmando o que dizem Freitas e Michel (2014) sobre a permanência do luto, mesmo com o passar dos anos. Na apresentação, local destinado a descrição de si na rede social, está a frase “Tragédias como a da boate Kiss não são fatalidades, são resultados

da omissão e da ganância". No Facebook, a página do perfil é a forma se autoapresentar para os demais usuários, nela Ligiane mostra a relação direta que tem com a tragédia e as consequências da mesma na sua vida. Ao falar da dor de perder uma filha, ela aponta a morte como algo que nunca vai ser superado e que justifica suas publicações constantes sobre o tema. Ao mesmo tempo, ela deixa claro seu entendimento da tragédia como sendo fruto da irresponsabilidade de pessoas que se preocupam mais com o dinheiro e com o poder que com vidas humanas, reforçando sua motivação de lutar para que a tragédia não seja esquecida, nem repetida.

A mesma tarja que remete aos cinco anos da tragédia da Boate Kiss é utilizada na foto de perfil por Maria Aparecida Neves (Cida), 60, que perdeu o filho Augusto Cezar, aos 19 anos. A tarja está em uma foto do filho comemorando a aprovação no vestibular com Bixo UFSM escrito no rosto. Em cima uma frase diz Valeu, AUGUSTO Bixo UFSM 2012. A imagem de capa é preenchida com uma foto de Cida, o marido e Augusto vestindo a beca de formatura do ensino médio. Cida faz parte da AVTSM, do Movimento do Luto à Luta e das Mães de Janeiro, segundo ela quando está se sentindo bem, participa das vigílias na Tenda e colabora com as campanhas sociais promovidas pela Associação. Ao se acessar a página do perfil de Cida, mesmo que ela não escreva nada sobre a tragédia, pelas imagens utilizadas se vê a ligação dela com a Boate Kiss e o orgulho que sentia de o filho estar em uma universidade federal, fato que ela considera uma grande conquista, uma vez que a renda familiar era baixa e o custo para manter o filho estudando, alto.

Vanda Dacorso, 56, perdeu Vitória com 22 anos. Faz parte da AVTSM, do Movimento do Luto à Luta e das Mães de Janeiro, além de ter integrado a ONG Para Sempre Cinderelas. Frequenta com assiduidade a Tenda da Vigília e participa das ações solidárias promovidas em nome da AVTSM. No Facebook tem cerca de 470 amigos, como imagem de capa exibe uma foto dela com a Vitória e no perfil, tem uma foto com a outra filha em uma moldura de coração. Nenhuma foto tem legenda e ela também não escreve nada pessoal para se autodescrever. A ligação dela com a tragédia, não fica evidente para quem vê seu perfil na rede social, mas desconhece sua história e não olha suas publicações com atenção.

O mesmo acontece com Áurea Flores, 55, que perdeu o filho Luiz Eduardo com 24 anos. Ela tem pouco mais de 600 amigos no Facebook, em seu perfil pessoal tem como foto de capa ela com o marido e os dois filhos. A

foto de perfil também não tem legenda, e mostra ela sorrindo e segurando flores amarelas. Sem referências diretas à tragédia, também não se pode deduzir à primeira vista a ligação de Áurea com a Boate Kiss. Ela participa da AVTSM e atuou nas mobilizações promovidas pelo Movimento do Luto à Luta e Mães de Janeiro. Frequenta eventualmente a Tenda da Vigília, participa das ações solidárias promovidas pela AVTSM e também criou, junto com o marido e a sobrinha, a Rede Dudu Bem que promove campanhas sociais em benefício de pessoas carentes da cidade.

A apresentação dos perfis pessoais das quatro mães trabalhadas neste artigo, mostra que as práticas de consumo do Facebook são bem distintas quanto às estratégias de comunicação adotadas por elas. Faz-se uma ressalva de que não se quer, neste trabalho, encontrar padrões de publicações, mas sim observar de que forma cada uma delas consome a plataforma em busca de justiça no caso da tragédia da Boate Kiss. As publicações serão abordadas no seguinte tópico deste artigo.

4 QUANDO ELAS FALAM EM JUSTIÇA NO FACEBOOK

Para o objetivo proposto neste artigo, aplica-se como metodologia uma abordagem etnográfica para internet (HINE, 2015) que possibilita uma compreensão sobre as mudanças na vida individual e comunitária, partindo de uma visão multifacetada, focando em como a vida é vivida em aspectos familiares, culturais, de gênero entre outros e tendo foco na contextualização e na incorporação das tecnologias e as adaptações por diferentes pessoas e grupos. Dessa forma, se analisa as publicações feitas nos perfis pessoais das mães no Facebook e se interpreta as práticas de consumo da plataforma por meio de um contínuo processo de convivência com elas na Tenda da Vigília, como parte do trabalho de campo realizado pela autora.

A busca por justiça faz parte da rotina das mães e se manifesta nas redes sociais como temática constante de suas publicações no Facebook. O slogan do Movimento do Luto à Luta “meu partido é um coração partido” explicita o teor político da mobilização em que os ideais que eles defendem não estão ligados à partidos, mas sim à dor de ter um coração machucado pela perda dos filhos e pela falta de justiça. A frase que estampa camisetas é vestida por familiares de vítimas e explicitada nas publicações nas redes sociais, esta (Figura 1) feita por Ligiane em seu perfil pessoal. Ao levantar uma bandeira em nome de uma causa, ela se apresenta como um sujeito político,

ela se dispõe a falar por todos aqueles que estiverem de acordo com os propósitos da luta. Aqui, como em muitos outros momentos, ela se apresenta como uma guerreira (FREITAS, 2002), uma mãe corajosa que enfrenta o que for preciso para fazer justiça.

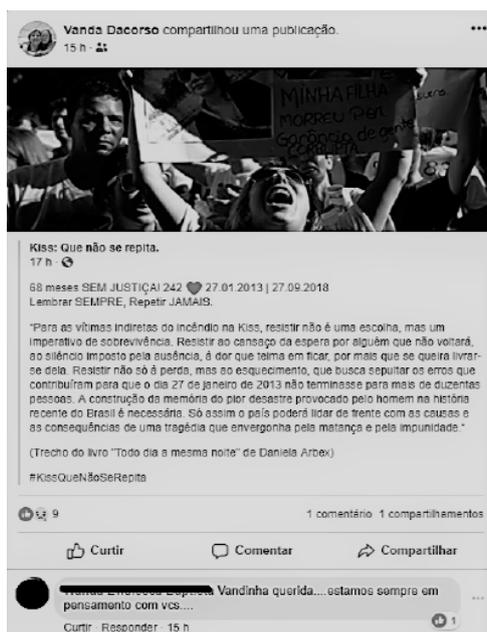
Figura 1: Publicação de Ligiane



Fonte: Facebook, 30 out. 2018

Na publicação de Vanda (Figura 2) aparece uma imagem de uma mãe segurando um cartaz com a foto da filha e dizeres que relacionam a morte dela a interesses econômicos. A foto foi tirada em 2013, durante uma das manifestações realizadas para pedir paz e justiça nas semanas seguintes à tragédia. Na postagem foi incluído um trecho do livro de Daniela Arbex (2018), que fala na importância da resistência para a construção da memória da tragédia para que a justiça seja feita. Ao expor o sofrimento corporificado de uma mãe que perdeu a filha, ela corrobora com a compreensão social de maior dor do mundo (FREITAS; MICHEL, 2014), que faz gritar e chorar, e que não se importa em ir às ruas e fazer o que for preciso para buscar justiça por quem se tem amor incondicional (BADINTER, 1985). Ao compartilhar a publicação Vanda se sente representada na figura, uma vez que também perdeu uma filha e considera a omissão e a ganância alguns dos principais fatores que resultaram no incêndio.

Figura 2: Publicação de Vanda



Fonte: Facebook, 27 out. 2018

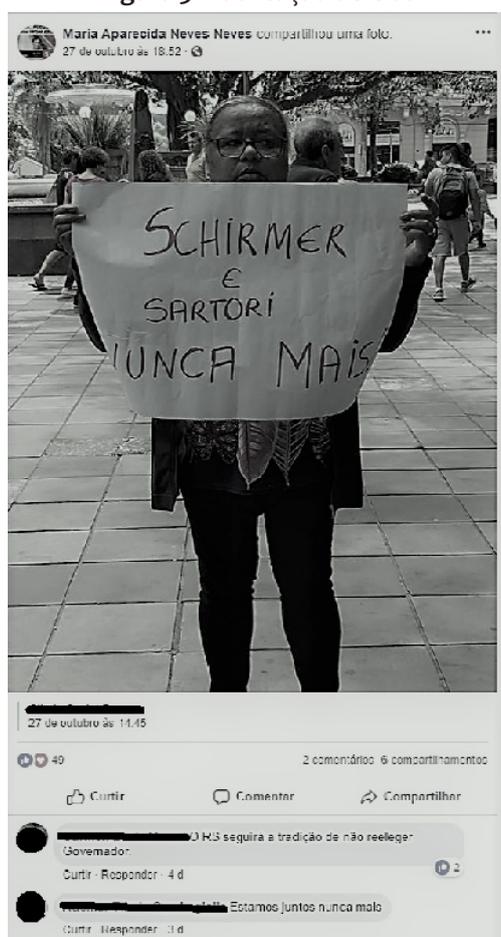
A publicação encerra com a hashtag #KissQueNãoSeRepita, o recurso da hashtag é, no Facebook, símbolo de uma unidade temática e serve para que demais usuários possam se identificar com a mensagem e também reproduzi-la. As mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss também utilizam outras hashtags como #justiça, #paranaoesquecer, #paranãorepetir, #BoateKiss242 uma forma de mostrar que a luta não é exclusiva em busca de propósitos individuais delas, mas sim de todos aqueles que foram afetados pela tragédia, em especial aqueles que perderam entes queridos em um clamor coletivo por justiça (BRITES; FONSECA, 2013).

Conforme demonstrado na postagem, a omissão e a ganância são apontadas pelos familiares como os principais fatores que levaram à tragédia da Boate Kiss. A declaração é sistematicamente repetida em publicações e personificada na figura de algumas autoridades, que para eles representam a falta de responsabilidade pública com a Boate, como promotores de justiça e políticos. Na postagem de Cida (Figura 3) ela aparece segurando um cartaz que, juntamente com outros pais, utilizou para protestar contra Cezar Schirmer, que naquele dia estava em Santa Maria para fazer campanha política para reeleição ao governador do Estado. Schirmer era prefeito da cidade na época da tragédia e não investigou a responsabilidade de agentes públicos na concessão de alvarás para a casa noturna. Ele também não prestou auxílio aos familiares das vítimas e não compareceu à CPI da Kiss, na Câmara de Vereadores para prestar depoimento. Schirmer deixou o mandato na prefeitura de Santa Maria para assumir o cargo de Secretário Estadual de Seguran-

ça a convite do governador.

Ao protestar contra o político e também publicar em sua rede social, Cida faz questão de se posicionar, e deixar isso bem claro, (SPYER, 2018) em oposição a alguém que, para ela, é símbolo da injustiça ligada à Boate Kiss. Essa também é uma forma de mostrar fidelidade aos seus propósitos e resistência, indo de encontro aos anseios políticos e empresariais da cidade que muito logo passaram a operar uma dinâmica de esquecimento da tragédia. (TOMAIM, 2018).

Figura 3: Publicação de Cida



Fonte: Facebook, 27 out. 2018

O político estava na cidade justamente no dia 27 de outubro, data notável para os familiares das vítimas. O dia 27 de cada mês é utilizado como marco para lembrar o incêndio. Os familiares se reúnem na Tenda da Vigília para evidenciar a luta por justiça e pelo não esquecimento da tragédia. Imagens da manifestação feita no espaço público da praça são sempre compartilhadas no Facebook, uma forma de fortalecer uma prática do grupo de familiares (SPYER, 2018), que contribui para a visibilidade da ação.

A cada dia 27 se atualiza a contagem dos meses que se passaram sem que a justiça tenha sido feita. Em algumas publicações, também se emprega

a utilização de hashtags como #Kiss68meses, #Kiss5anos9meses. Na publicação compartilhada por Vanda (Figura 4), em outubro de 2018, e também por Cida e Ligiane em seus perfis pessoais, além do resgate temporal, se faz uma inferência sobre a forma como os jovens foram mortos, ao se referir ao fato como uma chacina, se remete à ideia de que eles foram deliberadamente assassinados, opinião com a qual nem todas as mães de vítimas concordam.

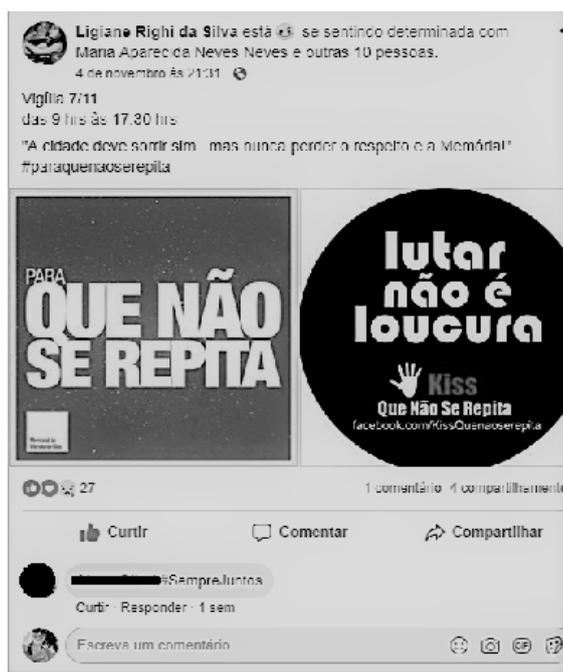
Figura 4: Publicação da Vanda



Fonte: Facebook, out. 2018.

Além das vigílias mensais, um grupo de mães se mobiliza todas as semanas, nas quartas-feiras, para passar o dia na Tenda da Vigília. As ações são divulgadas no Facebook, sempre por Ligiane, com publicações prévias, convidando a comunidade a participar e também com publicações posteriores ao ato, registrando a presença e os acontecimentos do dia. Nas postagens ela costuma marcar outras mães, pais e pessoas que eventualmente participam do ato, utilizar hashtags, fotos e figuras que representam os objetivos de luta da mobilização. No chamamento para a atividade que seria realizada no dia sete de novembro (Figura 5), Ligiane lembra da importância da memória da tragédia para que a justiça seja feita e para que outras não aconteçam. Na publicação, são acionados diferentes dispositivos para enfatizar o propósito da ação. Em consonância com o texto que cita, ela acrescenta a hashtag #paraquenaoserepita e duas imagens. Uma enfatiza a importância do trabalho de memória operado todas as semanas pelas mães, para que tragédias não se repitam. A outra imagem destaca uma justificativa para a permanência delas na Tenda, de que a luta por justiça não se trata de uma loucura, mas sim um direito e que merece respeito e solidariedade.

Figura 5: Publicação de Ligiane



Fonte: Facebook, 4 nov. 2018.

A mesma imagem com o dizer “Para que não se repita” é compartilhada por Áurea (Figura 6) ao divulgar a programação da AVTSM para homenagear as vítimas nos cinco anos do incêndio. A ideia de memória e de ruptura com uma conjuntura social que pode vir a repetir a tragédia, em geral está ligada a busca por justiça e por mudança na sociedade. Assim como as mães de Acari, da Candelária e do Vigário Geral (BRITES; FONSECA, 2013, p.861) elas não lutam exclusivamente para que os réus paguem pelos crimes que foram responsabilizados, mas sim que outras mães não passem pelo mesmo sofrimento que elas passam.

Figura 6: Publicação de Áurea



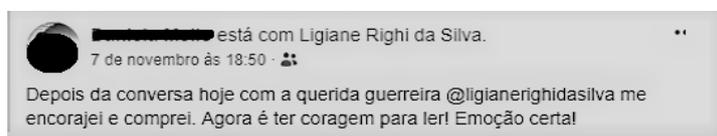
Fonte: Facebook, 16 jan. 2018.

O lugar de mãe que sofre é frequentemente explicitado por elas no Facebook. Ligiane escreveu: “A mãe que perde um filho ficará para sempre de luto. Nada será como antes; de um jeito ou de outro vai ter que se conviver com a dor. É preciso continuar vivendo dia após dia, mas é necessário lutar para vencer um de cada vez. Ajuda muito a filosofia “um dia de cada vez”. Não há um analgésico para esse tipo de perda. Dr. Luiz Ainbinde” (Ligiane, Facebook, 16 jun. 2018). Cida compartilhou a frase: “Luto não tem prazo de validade. A dor da perda de quem se ama é eterna.” (Cida, Facebook, 10 jun. 2018). Vanda compartilhou uma imagem de mãe abraçada em um bebê com a declaração: “Existe ex namorado, ex marido, ex amigo, mas jamais ex filho... Filho é um laço para toda a vida!” (Vanda, Facebook, 7 jan. 2018). Áurea compartilhou um texto que fala sobre a relação de amor entre mãe e filhos, com a seguinte legenda: “Sempre meus filhos – marcou o perfil pessoal dos dois filhos – Saudade de tudo!” (Áurea, Facebook, 26 set. 2018).

Percebe-se que mesmo as declarações de luto e de amor materno não estando diretamente relacionadas com os pedidos de justiça, elas funcionam como uma forma de explicitar o que elas sentem, demonstrar o posicionamento na “hierarquia da dor” (PEIXOTO, 2014) justificando o direito de sofrer, independentemente do tempo transcorrido desde a morte dos jovens (FREITAS; MICHEL, 2014).

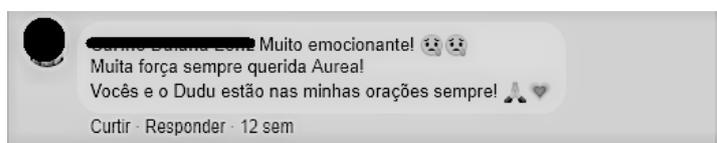
A solidariedade e o reconhecimento delas como mulheres que lutam (FREITAS, 2002) pode ser percebido nas publicações feitas por outras pessoas nos perfis das mães, como na Figura 7, em que Ligiane é chamada de guerreira, ou nos comentários das publicações, ainda que esses não sejam o foco deste artigo, como na Figura 8 em que uma pessoa demonstra apoio à Áurea.

Figura 7: Publicação no perfil de Ligiane



Fonte: Facebook, 2018.

Figura 7: Publicação no perfil de Ligiane



Fonte: Facebook, 2018.

Embora cada uma das mães tenha uma ideia diferente sobre o que seria de fato justiça no caso da tragédia, as quatro concordam que os apontados como responsáveis devem ter algum tipo de punição. Os comentários nas publicações, em especial aqueles que demonstram companheirismo, amparo e valorização da luta das mães são vistos por elas como uma forma de apoio aos propósitos e colaboram para que elas não esmoreçam. A solidariedade que não é mais manifestada por meio de grandes mobilizações organizadas por desconhecidos no Facebook (SILVA; BRIGNOL, 2018), agora é demonstrada em declarações mais comedidas e direcionadas individualmente às mães, feitas por conhecidos ou por aqueles que se sentiram afetados pela tragédia e comovidos com a dor delas. Para as mães enlutadas, as demonstrações de apoio, por mais singelas que sejam, ajudam a fortalecer a luta delas por justiça.

5 CONSIDERAÇÕES

Este artigo se propôs a analisar as práticas de consumo do Facebook por mães de vítimas da Boate Kiss enquanto sujeitos que lutam por justiça. Percebe-se que apesar das mães apresentarem estratégias distintas de apropriação da plataforma, elas mantêm uma identidade de mães que lutam por justiça no caso da morte dos filhos. O Facebook funciona como parte fundamental de mediação na comunicação entre elas e a comunidade, o que só é possível compreender com clareza ao se tomar em observação o contexto no qual elas estão inseridas.

Observa-se que a solidariedade às mães, reificada em grandes manifestações pedindo paz e justiça nos primeiros dias após a tragédia, articuladas por meio do Facebook, hoje se restringe a poucas pessoas que a demonstram de forma individualizada, diretamente nos perfis pessoais das mães. Percebe-se que, ao mesmo tempo que a sociedade espera que o sujeito mãe se sacrifique pelo filho, sendo essa uma prerrogativa do papel materno, se desqualifica a operacionalização do esforço feito por elas no momento em que se posicionam como defensoras de uma memória que é incômoda para muitos, defendendo esse posicionamento escancaradamente em espaços públicos e nas plataformas de redes sociais.

Dessa forma, percebe-se que as mães consomem o Facebook para reafirmar a legitimidade do seu sofrimento, do seu lugar de fala e do seu direito a lutar por justiça. Ao reforçar o posicionamento na “hierarquia da dor”,

com publicações relacionadas ao sofrimento da perda de um filho sob a perspectiva de uma mãe, elas corroboram para despertar o sentimento de solidariedade por aqueles que conseguem se colocar no lugar delas.

Por fim, observa-se também que elas deixam claro que a tristeza da mãe enlutada nunca acaba, apenas se modifica com o tempo e que a busca por justiça, memória e mudança social as transforma em sujeitos políticos. Esse é ainda um jeito encontrado por elas para gerenciar o luto e dar um novo sentido para suas vidas e um significado para a morte dos filhos.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Lúvia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Lúvia; CAMPBELL, Colin (orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- BRITES, Jurema; FONSECA, Cláudia. As metamorfoses de um movimento social: mães de vítimas da violência no Brasil. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**. ICS. v. 48, n. 209 – out./ nov./ dez. 2013. p. 859- 877. Disponível em:< http://analisocial.ics.ul.pt/documentos/AS_209_d02.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES**. UFF. Ano 4, n. 6. Mar. 2014, p. 58-71. Disponível em:< <http://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10373>>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- FREITAS, Rita de Cássia. Famílias e violência: reflexões sobre as Mães de Acari. **Psicologia**. USP. v. 13, n. 2. Jul. 2002, p. 69-103. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/53502>>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- MILLER, Daniel. **The comfort of people**. Cambridge: Polity Press, 2017.
- MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. **How the World Changed Social Media**. London: UCL Press, 2016.
- OLIVEIRA, Juliana. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- PEIXOTO, Priscila. **“Acorda Santa Maria”**: um estudo sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- SILVA, Carolina; BRIGNOL, Liliane. Mobilização Social no facebook: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate Kiss. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. v.1. p. 151-176.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.

TOMAIM, Cássio. O trauma atualizado na televisão e no cinema: entre o imediatismo do acontecimento do acontecimento jornalístico e a vontade de memória diante da “Tragédia de Santa Maria”. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. v.1. p. 321- 346.

Alice Bianchini Pavanello

Mestranda em Comunicação (UFSM), especialista em Televisão e Convergência Digital (Unisinos), graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo (UFSM). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Digitais. Bolsista Capes.

E-mail: alicebpavanello@gmail.com.

Sandra Rúbia da Silva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Digitais. Doutora em Antropologia Social (UFSC), com estágio de doutorado-sanduíche no University College London (UCL).

E-mail: sandraxrubia@gmail.com.